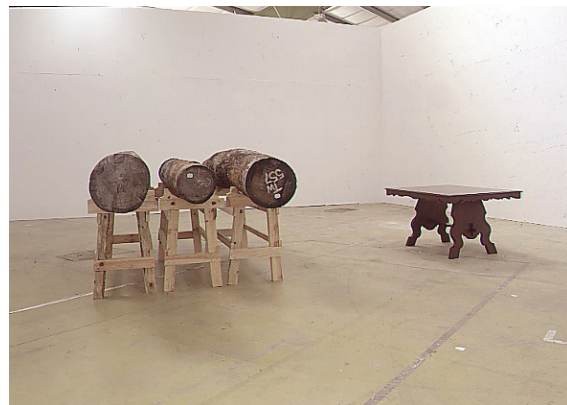


## **Ângela Ferreira: dispensar ou não dispensar apresentação em Moçambique**

**Uma conversa entre Alda Costa e Rafael Mouzinho**

Já estávamos no século XXI quando ouvi mencionar, pela primeira vez, o nome de Ângela Ferreira (n. 1958) e tive acesso a um dos seus trabalhos, uma instalação – vídeo, *Amnésia*, de 1997, ao ler o catálogo e o jornal da exposição *Um Oceano Inteiro Para Nadar* apresentada em 2000 na Culturgest, em Lisboa. Iniciava então a investigação que conduziria ao meu doutoramento em História da Arte e propunha-me uma tarefa gigantesca: traçar uma panorâmica extensiva das artes visuais em Moçambique ao longo do século XX. Ler, tudo o que não tinha lido até aí e estava acessível, reflectir sobre as teorias e abordagens mais adequadas a este desafio, tomar contacto com artistas que não conhecia, foi um exercício fascinante que fui fazendo com a orientação de José António Fernandes Dias. Não tardou que surgisse a pergunta: onde se situava Ângela Ferreira neste percurso? Bertina Lopes (1924-2012) era, em Moçambique, o caso mais conhecido da arte da diáspora, a sua história tinha pontos comuns com a de Ângela Ferreira mas as suas práticas artísticas e processos criativos expressavam tempos diferentes. O espaço, limitado, dedicado aos artistas da diáspora, na dissertação que apresentei em 2005 acabou apenas por fazer uma breve menção da artista dada a impossibilidade de fazer, naquele contexto, uma abordagem mais aprofundada. Mas o interesse pelos artistas vivendo em diáspora, pela vivência em vários mundos, pelas identidades múltiplas e pelas expressões artísticas dessas vivências e identidades continuou, tornou-se mais forte quando conheci pessoalmente Ângela Ferreira, em 2007, e compreendi melhor a sua relação com Moçambique. Tenho seguido o seu trabalho, quase sempre à distância, as suas dúvidas, os diversos lugares em que a sua obra circula. A minha história pessoal, vivida em Moçambique, e as minhas próprias dúvidas e reflexões não me permitem ficar indiferente. Rafael Mouzinho, artista, curador assistente de uma colecção de arte, interessado em escrever sobre arte e em projectos de curadoria, com quem vou conversar, também não é indiferente ao trabalho da artista.



*Amnésia*, 1997. Installation view Bienal Caldas da Rainha. Umbila, pine, vitrine with plexiglas, ceramic bottles and flask by Rafael Bordalo Pinheiro (1902), video *Moçambique Dp Outro Lado do Tempo* (Beja Filmes 1996). Col. Direção Geral da Artes CCB Portugal

**Alda Costa:** Depois desta introdução que me pareceu necessária, vamos iniciar uma conversa sobre a artista Ângela Ferreira. Nascida em Moçambique, tem uma vivência marcante, como adulta, na África do Sul, e desde os anos 90 do século passado vive entre a África do Sul e Portugal. O seu trabalho foi precursor de uma reflexão colonial no domínio da arte contemporânea em Portugal e a sua história pessoal, mas não só, tem sido ponto de partida para as suas interrogações. Começemos pela sua relação com Moçambique que a artista define como sendo marcada pela presença e pela ausência. Achas que Ângela Ferreira precisa de apresentação em Moçambique ou dispensa apresentação?

**Rafael Mouzinho:** Para começar a conversa gostava de relembrar o meu contacto com o trabalho artístico de Ângela Ferreira. Dá-se em 2003, através do catálogo já mencionado: *Um Oceano Inteiro Para Nadar*. Naquela altura ainda frequentava os meus estudos artísticos na Escola Nacional de Artes Visuais (ENAV), em Maputo. Começava aí um movimento que veio a constituir-se como Movimento de Arte Contemporânea de Moçambique (MUVART) e que, à semelhança do que acontecia no continente e no mundo a partir dos anos 90 do século passado, reflectia sobre as questões relacionadas com o olhar que a História da Arte havia construído sobre África e a sua diáspora. Seguiu-se um outro contacto, em 2005, com uma exposição itinerante, organizada pela Fundação Pro-Justitiae, primeiro apresentada em Évora e depois no Centro Cultural Franco-Moçambicano, em Maputo. Juntava artistas dos países falantes de língua portuguesa (Portugal, Moçambique, Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo-Verde, Timor-Leste e Guiné-Bissau). Entre as várias obras, constava “parte” de *Hotel da Praia Grande (O Estado das Coisas)*, de 2003, que passou despercebida para o grande público. Anos depois, cruzei-me com a artista na exposição itinerante *Maputo: A Tale of One City*, que também integrei, inaugurada em 2009 em Oslo na Noruega, mostrada em 2011 em Harare e depois em Maputo. Mas a obra apresentada por Ângela Ferreira, por várias razões, não viajou e foi mostrada, em sua substituição, uma fotografia da Vila Algarve, a antiga sede da polícia política portuguesa, um edifício repleto de marcas da história, hoje em estado de abandono. Digo que Ângela Ferreira precisa de apresentação em Moçambique.



*Hotel da Praia Grande (O Estado das Coisas)*, 2003. C-print, colour, 124 x 153cm.

AC: Estás a esquecer a exposição *Troca de Olhares / Exchanging Visions*, iniciativa do Instituto Camões, em 2007, apresentada em Maputo em condições bem mais adequadas: uma sala apropriada, um catálogo, a presença da comissária/curadora e de uma das artistas, encontros e conversas paralelas à exposição. As conversas beneficiaram de um contexto de grande abertura resultado das acções do recém-criado MUVART, das suas exposições e dos debates que então se promoviam. Havia, como dizes, um grande interesse em questionar o conceito da arte dominante em Moçambique, em alargar a prática artística, em discutir sobre conceitos como identidade e memória, mas a problemática do pós-colonialismo era (é ainda) quase tabu ou pouco pensada. O mesmo se pode dizer do fim do pós-colonialismo ou do após pós-colonialismo. Voltando à tua resposta, acho interessante lembrares o mesmo trabalho *Amnésia* (sobre Moçambique, o passado colonial e a memória que a artista quer manter viva) e o mesmo catálogo de exposição que eu. Pertencemos a gerações diferentes mas tomámos contacto com a artista quase na mesma época, eu em Lisboa e tu em Maputo. Voltando ao assunto, podes lembrar como foi o encontro com o trabalho de Ângela Ferreira por parte dos estudantes e dos artistas que iniciaram o MUVART? Moçambique é parte da história pessoal da artista, África está presente no que faz, continua a mostrar e a fazer trabalho na África do Sul, em Portugal, em outros lugares, sobre Moçambique, em particular sobre o período pós-independência. Apesar de considerares que a artista precisa de apresentação, parece-te que a cena artística de Maputo está, hoje, mais preparada para um encontro com Ângela Ferreira, com o seu trabalho e as várias referências dos seus processos criativos, com o seu trabalho sobre Moçambique?

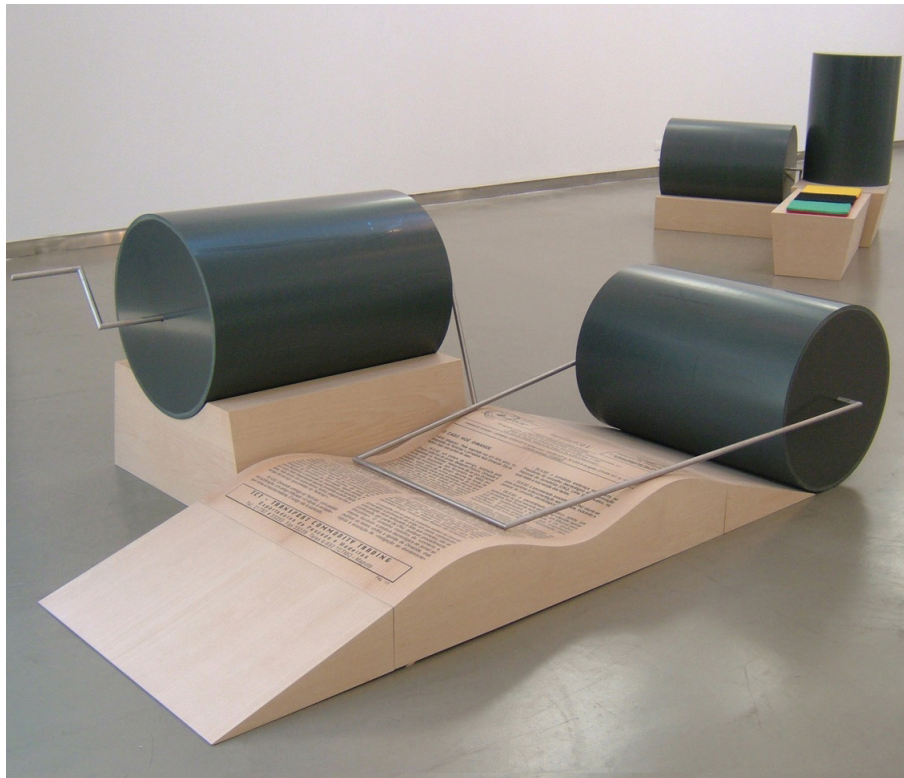


*For Mozambique (Model no.1 of Screen-Tribune-Kiosk celebrating a post-independence Utopia)*, 2008. Wood, steel cable, 2- channel video projections with sound, colour, 60' loop. Col. Fundação Museu Berardo, Lisbon.

**RM:** O encontro dos estudantes (da ENAV) com Ângela Ferreira só se dá em 2011, quando vem a Maputo, através de uma conversa organizada pela Direcção de Cultura da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), onde a artista mostrou e falou do seu trabalho, investigativo e experimental, em particular o trabalho relacionado com Moçambique. No seio do MUVART, na época, a discussão divergia na convergência, uma vez que os seus membros tinham experiências diversas (Brasil, Cuba, Ucrânia, França e África de Sul). Como forma de aprofundar e implementar os nossos projectos, juntámos um grupo informal que denominámos “Sociedade Paralela”, dinamizado por mim, Jorge Dias, David Mbonzo, Sónia Sultuane, Luis Muiéngua, Anésia Manjate e Gemuce. Contávamos com o acompanhamento de Francisco Manjate, jornalista do Notícias. Nessas conversas, Ângela Ferreira não ficava de fora, tal como não ficava a artista zimbabuense Berry Bickle que havia escolhido Maputo para viver e trabalhar. Ângela Ferreira é já uma artista madura, a sua produção artística é vasta, levanta questões relacionadas com Moçambique, mas também com a África de Sul e com Portugal, questões essas que, directa ou indirectamente, envolvem Moçambique. Entendo que a cena artística de Maputo vem demonstrando que está preparada para o encontro com Ângela Ferreira e também para o que está a acontecer no cenário artístico internacional desde que Moçambique seja parte desses mesmos debates.

**AC:** Não tenho assim tanta certeza. O encontro a que me refiro tem a ver com a experimentação que é feita da obra de arte, como ela é vista e sentida por quem a ela tem acesso. Ângela Ferreira não é apenas uma artista da diáspora. Conhecendo nós a forma contraditória, e mesmo preconceituosa, como estes artistas foram (são), em geral, percebidos entre nós, essa condição não garante, à partida, uma boa recepção do seu trabalho. Ângela Ferreira desenvolve uma prática artística assente na sua história pessoal cruzada com momentos de mudanças fundamentais para o país Moçambique. A artista fala de colonização, de descolonização, de racismo, de memória, de amnésia, de silêncio, de marcas da história, de culturas em contextos de relações de dominação e subordinação, das utopias associadas aos projectos de construção das novas nações, da complexa relação entre África e Europa, das consequências da história colonial. O seu trabalho levanta questões, provoca dúvidas, não é percebido sem conflito. Não acho que o contexto moçambicano, social, político e artístico, esteja muito preparado para um encontro com as propostas desta artista. Estou-me a lembrar do trabalho recente da jornalista Joana Gorjão Henriques *Racismo em Português*. As entrevistas feitas em Moçambique revelaram feridas profundas e dificuldades na abordagem deste tema. Há sempre o perigo de leituras simplistas e apressadas. Não quero dizer que não haja interesse no trabalho de Ângela Ferreira por parte dos artistas da tua geração, por parte dos estudantes de artes visuais que frequentam as escolas existentes. Estou a lembrar-me dos alunos (nível médio) que a ouviram encantados, e que nunca mostraram desinteresse ou cansaço, ou do pequeno núcleo de apreciadores e comentadores que segue o que acontece no domínio das artes em Maputo. Penso que era a esse aspecto que te referias e aí concordo contigo. A presença da artista em Moçambique tem estado quase sempre associada à pesquisa para um novo projecto ou tem coincidido com a sua presença numa exposição na África do Sul. Não tem sido, até ao momento, acompanhada de uma presença expositiva capaz de a tornar conhecida localmente. Mas tem havido referências ao seu trabalho. Lembro-me que Maria de Lourdes Torcato escreveu, em 2011, sobre a exposição *Carlos Cardoso – Directo ao Assunto*, inspirada no trabalho deste jornalista e no

seu *Mediafax*, em que Ângela Ferreira destaca a importância da escrita como forma de luta, ou de, mais recentemente, o *Notícias* ter reportado o facto de a artista, referida na notícia como moçambicana, ser finalista do Novo Banco Photo 2015. A sua recente exposição *Underground Cinemas & Towering Radios* integrando um conjunto de obras sobre Moçambique e os primeiros anos pós-independência chegou até nós apresentada pela sua curadora. O interesse da artista em se dar a conhecer em Moçambique ainda não encontrou o espaço e as melhores oportunidades no frágil sistema artístico local. Gostava agora que referisses os trabalhos de Ângela Ferreira que mais aprecias.



Carlos Cardoso - *Straight to the Point*, 2011. Installation view Galeria Filomena Soares, Lisbon. Mixed media.

**RM:** O trabalho da Ângela Ferreira é bastante complexo em termos referenciais, cruza várias áreas de saber, escultura, arquitectura, vídeo, som, arquivos, fotografia, serigrafia, etc. Interessante o trabalho *Political Cameras (For Mozambique series)* de 2011, que parte do silo que usamos para as conversas introdutórias à Coleção/Galeria de Arte da UEM e que se localiza no Campus da Universidade. É referência ao projecto TBARN (Técnicas Básicas de Aproveitamento de Recursos Naturais) desenvolvido no ex-Instituto de Investigação Científica/Centro de Estudos de Comunicação da UEM. Este trabalho cruza-se também com a experiência da fundação do INC (Instituto Nacional de Cinema) e as oficinas de cinema ministradas na Universidade Eduardo Mondlane que envolveram Jean-Luc Godard, Jean Rouch, Jacques D'Arthuys, Nadine Wanono, entre outros. Entendo a incerteza demonstrada, o *mainstream* artístico de Maputo ainda não se desenvencilhou da ideia “mono-estética” que o passado recente tratou de implantar, dando impressão que caminha sonambulamente. As questões do pós-colonialismo, da diáspora, do hoje, entre nós, ainda não mereceram atenção, movem-se rápido, por vezes armadilhadas e banalizadas por uma rede complexa de teorias que os meios de comunicação tratam de legitimar apenas como moda. Se por um lado, o trabalho da Ângela Ferreira não se territorializa, expande-

se muitas vezes em sentidos contrários e desconfortantes, por outro suscita a pergunta: quem é Ângela Ferreira? Sul-africana? Moçambicana? Portuguesa? Ou cidadã do mundo? E por isso é urgente, no nosso meio, a apresentação mais aprofundada da artista, abrir um espaço que permita o conhecimento do outro lado da história, relacionada com Moçambique e não só.



*Political Cameras (from the Mozambique series)*, 2011. Wood, aluminum and rubber structure, 206 x 325 x 190cm; 2 wood and aluminum tables (each supporting a monitor), each 60 x 54 x 48cm; 2 films (*The Super 8 Workshops*, 13' and *The Collective Films*, 82'); 6 lambda prints 30 x 40cm. Walther Collection, Neu Ulm, Germany .

**AC:** É verdade, o silo que resta do que foi o campo experimental do TBARN, e está apenas na memória de alguns que com ele se cruzam, foi (está a ser) um ponto de partida para várias acções e projectos de lembrança: a história da UEM e do país, a história do cinema em Moçambique... podemos dizer que os trabalhos da artista a partir destes temas associados aos primeiros anos de Moçambique independente contribuíram para a pesquisa que está a continuar. Um dos seus trabalhos recentes, a *Tendency to Forget*, de 2015, ainda mal conhecido entre nós, abre também essa possibilidade. Mas alguns dos seus trabalhos da década de 90, *Amnésia* de que já falámos ou *Casa Maputo: um Retrato Íntimo* e *Crossing the Line*, ambos de 1999, precisam de ser conhecidos e discutidos em Moçambique. Há necessidade de espaço para questionar e pensar identidades, nacionalismos, localidades, modernidades e podemos começar pelo trabalho de Ângela Ferreira. Vamos a isso?

Maputo, Abril de 2017